

Os rumos econômicos

Econ. Brasil

27 OUT 1988

Ruy Lopes

JORNAL DE BRASÍLIA

Já existe a decisão de mudar a política econômica, baseada na certeza de que, como está, não pode ficar. E, enquanto não são definidas as novas linhas, surgem propostas em praticamente todas as direções.

A mais esdrúxula, por certo, foi formulada pelo presidente do Banco Central, Elmo Camões. Sua correção de rumos passa pelo aumento da taxa de juros e pela elevação dos impostos, configurando, portanto, uma exacerbação da política atual.

É possível que os banqueiros ficassem muito satisfeitos com uma taxa acima de 50% ao mês, mas a alegria duraria pouco. Com essa visão caótica de Camões, o sistema econômico ruiria, e com ele o sistema financeiro.

Uma idéia diametralmente oposta foi sugerida pelo governador Newton Cardoso: a moratória da dívida interna da União. Deixando de pagar juros e de rolar o principal, o Tesouro zeraria seu déficit e desapareceria, assim, a causa básica da inflação.

A proposta do governador de Minas é essencialmente justa. Como a maioria esmagadora da dívida interna foi acumulada mediante jogadas do Banco Central em benefício do sistema financeiro privado — a exemplo da taxa de 50% este mês — o Tesouro estaria apenas recuperando o

que lhe foi tomado mediante subterfúgios ao longo dos últimos anos.

O problema é que a exigência de uma devolução imediata dos recursos desviados levaria à falência o sistema bancário privado, que levaria consigo boa parte do sistema econômico. A aplicação da justiça, no caso, esbarra na viabilidade política.

No meio termo, e carregada de sensatez, aparece a sugestão do empresário Antonio Ermírio de Moraes, que pleiteia o fim da ciranda financeira e o realinhamento da carga fiscal.

Para acabar a ciranda e zerar o déficit público, basta fazer o giro negativo da dívida pública interna. Isto implica remunerar apenas o que for poupança real, identificada pelo prazo mais longo, e aplicar um redutor sobre o dinheiro quente do over, representado pelo caixa das empresas.

Esse dinheiro não tem para onde ir, de vez que se destina ao pagamento de contas com vencimento diário. Portanto, não procedem os receios de que tais recursos fugissem para a formação de estoques especulativos ou coisas do gênero. Isso é desculpa dos que se beneficiam aumentando a dívida do Tesouro.

Com o giro negativo, a dívida interna volta a seu perfil honesto dentro de poucos anos. Mas desde logo deixaria de pesar sobre o déficit público e a inflação.